

~~MEU TOQUE É LETAL.~~ MEU TOQUE É PODEROSO.



# ESTILHIAÇA - ME

AUTORA BEST-SELLER DO *THE NEW YORK TIMES*

**TAHEREH MAFI**

UNIVERSO DOS LIVROS

**ESTILHAÇA - ME**

TAHEREH MAFI

# ~~ESTILHAÇA~~ - ME

São Paulo  
2018

Grupo Editorial  
**UNIVERSO DOS LIVROS**

*Shatter Me*

Copyright © 2011 by Tahereh Mafi

All rights reserved

© 2018 by Universo dos Livros

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor editorial: **Luis Matos**

Editora-chefe: **Marcia Batista**

Assistentes editoriais: **Letícia Nakamura e Raquel F. Abranches**

Tradução: **Mauricio Tamboni**

Preparação: **Milena Martins**

Revisão: **Cely Couto e Leonardo do Carmo**

Capa: **Colin Anderson**

Foto de capa: **Sharee Davenport**

Adaptação da capa: **Aline Maria**

Arte: **Aline Maria e Valdinei Gomes**

Projeto gráfico: **Aline Maria**

Colaboração: **Guilherme Summa**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

---

M161e

Mafi, Tahereh

Estilhaça-me / Tahereh Mafi ; tradução de  
Mauricio Tamboni. — São Paulo : Universo dos  
Livros, 2018.

352 p. (Estilhaça-me ; 1)

ISBN: 978-85-503-0301-7

Título original: Shatter me

1. Ficção norte-americana I. Título II. Tamboni, Mauricio

---

18-0405

CDD 813.6

Universo dos Livros Editora Ltda.

Rua do Bosque, 1589 – Bloco 2 – Conj. 603/606

CEP 01136-001 – Barra Funda – São Paulo/SP

Telefone/Fax: (11) 3392-3336

[www.universodoslivros.com.br](http://www.universodoslivros.com.br)

e-mail: [editor@universodoslivros.com.br](mailto:editor@universodoslivros.com.br)

Siga-nos no Twitter: [@univdoslivros](https://twitter.com/univdoslivros)

*Aos meus pais e ao meu marido, porque, quando eu disse que queria tocar a lua, vocês seguraram a minha mão, me abraçaram apertado e me ensinaram a voar*

*Uma estrada se bifurcava em um bosque e eu... segui pela  
estrada menos percorrida, e isso fez toda a diferença.*

— Robert Frost, “The Road Not Taken”

# Um

Estou aprisionada há 264 dias.

Não me resta nada além de um pequeno caderno e uma caneta quebrada e os números em minha cabeça, que me fazem companhia. 1 janela. 4 paredes. 13 metros quadrados de espaço. 26 letras de um alfabeto que não usei para conversar nos 264 dias de isolamento.

6.336 horas desde a última vez que toquei em outro ser humano.

– Você vai ter companhia na cela no quarto – eles me disseram.

– ~~Esperamos que você apodreça neste lugar~~ Por bom comportamento – eles me disseram.

– ~~Outra pessoa louca igual a você~~ Chega de isolamento – eles me disseram.

Eles são os escravos do Restabelecimento. A iniciativa que supostamente tinha como objetivo ajudar nossa sociedade decadente. As mesmas pessoas que me arrancaram da casa de meus pais e me trancafiaram em um hospício por algo que está fora do meu controle. Ninguém se importa com o fato de que eu não sabia do que era capaz. Com o fato de que eu não sabia o que estava fazendo.

Não tenho a menor ideia de onde estou.

Só sei que fui transportada por alguém em um furgão branco, alguém que dirigiu por 6 horas e 37 minutos para me trazer até esse lugar. Sei que fiquei algemada a um banco. Sei que fiquei algemada a uma cadeira. ~~Sei que meus pais nunca se dignaram a dizer adeus.~~ Sei que não chorei quando fui levada.

Sei que o céu cai todos os dias.

O sol afunda no oceano e salpica marrons e vermelhos e amarelos e laranjas no mundo do outro lado da minha janela. Um milhão de folhas de cem galhos distintos se entregam ao vento, rodopiando com a falsa promessa de voo. As rajadas seguram suas

asas ressecadas só para forçá-las para o chão, esquecidas, deixadas para serem pisoteadas pelos soldados ali estacionados.

Não há tantas árvores quanto antes, é o que os cientistas dizem. Eles falam que nosso mundo um dia foi verde. Nossas nuvens foram brancas. Nosso sol sempre ostentou o tipo certo de luz. Eu, porém, guardo memórias muito ínfimas desse mundo. Não me lembro de muita coisa de antes. A única existência que conheço agora é aquela que me foi dada. Um eco do que um dia foi.

Pressiono a palma contra o pequeno painel de vidro e sinto o frio agarrar minha mão com um toque familiar. Estamos os dois sozinhos, os dois existindo como a ausência de alguma coisa.

Pego minha caneta quase inutilizável, com a pouquíssima tinta que aprendi a racionar a cada dia, e a observo. Mudo de ideia. Abandono o esforço necessário para escrever. Ter um companheiro de cela pode ser bom. Conversar com um ser humano de verdade pode fazer as coisas serem mais fáceis. Treino o uso da minha voz, moldando os lábios com a forma das palavras conhecidas, agora estranhas à minha boca. Treino o dia inteiro.

Fico surpresa por ainda lembrar como se fala.

Enrolo meu caderninho e o enfio na parede. Sento-me nas molas cobertas por tecido em que sou forçada a dormir. Espero. Balanço o corpo para trás e para a frente.

Espero tempo demais e caio no sono.

Meus olhos se abrem e deparam com 2 olhos 2 lábios 2 orelhas 2 sobranceiras.

Sufoco meu grito minha urgência de sair correndo o terror incapacitante que agarra meus membros.

– Você é um ga-ga-ro...

– E você, uma menina.

Ele arqueia uma sobranceira. Afasta seu olhar do meu rosto. Abre um sorriso afetado, mas não está sorrindo de verdade, e quero chorar, meus olhos desesperados, aterrorizados, apontados na direção da porta que tentei abrir tantas vezes que já perdi as contas. Eles me trancafiaram com um garoto. Um garoto.

Meu Deus.

Estão tentando me matar.

Fizeram de propósito.

Para me torturar, para me atormentar, para me impedir de dormir uma noite inteira outra vez. Seus braços são cobertos de tatuagens, até os cotovelos. Na sobrancelha, falta uma argola, que devem ter confiscado. Olhos azul-escuros cabelos castanho-escuros maxilar bem marcado corpo magro e forte. Lindo Perigoso. Aterrorizante. Horrível.

Ele ri e eu caio da cama e me afundo em um canto.

Ele avalia o travesseiro fino e a cama extra que enfiaram hoje cedo no espaço vazio do cômodo, a cama com um colchão minúsculo e um cobertor surrado que mal cobre a parte superior de seu corpo. Olha para a minha cama. Olha para a cama dele.

Com uma das mãos, empurra e junta as duas. Usa o pé para arrastar as duas armações de metal para o seu lado do quarto. Estica o corpo nos dois colchões, pega meu travesseiro e o ajeita sob o pescoço. Começo a tremer.

Mordisco o lábio e tento me enterrar no canto escuro.

Ele roubou minha cama meu cobertor meu travesseiro.

Não me resta nada além do chão.

Não vai me restar nada além do chão.

Nunca vou retrucar porque estou petrificada demais paralisada demais paranoica demais.

– Então, você é... o quê? Louca? É por isso que está aqui?

~~Eu não sou louca.~~

Ele se ajeita de modo que consiga enxergar meu rosto. E ri outra vez.

– Não vou te machucar.

~~Quero acreditar nele~~ Não acredito nele.

– Qual é o seu nome? – quer saber.

~~Não é da sua conta. Qual é o seu nome?~~

Ouçoo bufar de irritação. Ouçoo virando-se na cama que antes era minha. Passo a noite toda acordada. Com os joelhos encolhidos até o queixo, os braços abraçando-os; meus longos cabelos castanhos, a única cortina entre nós.

Não vou dormir.

Não posso dormir.

Não posso ouvir aqueles gritos outra vez.

# Dois

A manhã tem cheiro de chuva.

O cômodo é tomado pelo cheiro de pedra molhada, terra revirada; o ar está úmido e terroso. Respiro fundo e vou na ponta dos pés até a janela apenas para encostar meu rosto na superfície fria. Sinto minha respiração embaçar o vidro. Fecho os olhos ao som de um suave barulho de água atravessando o vento. Pingos de chuva são o único lembrete de que as nuvens têm um coração batendo. De que eu também tenho um.

Sempre questiono os pingos de chuva.

Questiono o modo como sempre caem, tropeçando em seus próprios pés, quebrando as pernas e se esquecendo do paraquedas ao se desprenderem do céu a caminho de um fim incerto. É como se alguém esvaziasse os próprios bolsos sobre a terra sem dar a mínima para o lugar onde o que tem ali dentro vai cair, sem parecer se importar com o fato de os pingos de chuva estourarem quando alcançam o solo, de se estilhaçarem ao cair no chão, de as pessoas insultarem os dias em que as gotas se atrevem a bater em suas portas.

Eu sou um pingo de chuva.

~~Meus pais esvaziaram seus bolsos, livraram-se de mim, deixaram-me evaporar em uma placa de concreto.~~

A janela me diz que não estamos longe das montanhas, que sem dúvida estamos perto da água, mas tudo fica perto da água hoje em dia. Só não sei de que lado nos encontramos. Para qual lado estamos virados. Aperto os olhos graças à luz do começo da manhã. Alguém pegou o sol e o pregou outra vez no céu, mas a cada dia ele fica um pouco mais baixo do que no dia anterior. É como um pai ou uma mãe negligente, que só conhece metade de quem você é. Ele nunca percebe que sua ausência transforma as pessoas. Que somos diferentes no escuro.

O farfalhar repentino significa que meu companheiro de cela está acordado.

Dou meia-volta como se tivesse sido pega roubando comida novamente. Só aconteceu uma vez e meus pais não acreditaram quando tentei explicar que não era para mim. Falei que só estava tentando salvar os gatos de rua que viviam perto de casa, mas eles não me consideravam humana o bastante para me importar com os gatos. Não eu. Não algo alguém como eu. Mas, claro, eles não acreditavam em nada do que eu dizia. É exatamente por isso que estou aqui.

Companheiro de Cela está me estudando.

Ele dormiu completamente vestido. Usa uma camiseta azul-marinho e calças cáqui enfiadas em coturnos pretos na altura da canela.

Meus braços estão cobertos por um tecido de algodão morto e meu rosto estampado com um rubor de rosas.

Seus olhos analisam minha silhueta, sua lentidão faz meu coração acelerar. Seguro as pétalas de rosa que caem das minhas bochechas enquanto elas flutuam em volta do meu corpo, enquanto me cobrem com alguma coisa que parece ser falta de coragem.

Pare de olhar para mim, é o que quero dizer.

Pare de me tocar com seus olhos e mantenha as mãos na lateral do corpo e por favor e por favor e por favor...

– Qual é o seu nome? – O inclinar de sua cabeça diminui a gravidade pela metade.

Fico suspensa no momento. Pisco os olhos e seguro a respiração.

Ele se mexe e meus olhos se estilhaçam em milhares de pedacinhos que ricocheteiam pela cela, fotografando milhões de cenas, um milhão de momentos no tempo. Imagens tremulantes envelhecidas pelo tempo, pensamentos congelados pairando precariamente no espaço morto, um turbilhão de memórias que cortam minha alma. ~~Ele se parece com alguém que conheci.~~

Um suspiro repentino e sou violentamente empurrada de volta à realidade.

~~Chega de sonhar acordada.~~

– Por que está aqui? – pergunto às rachaduras na parede de concreto. 14 rachaduras em 4 paredes em mil tons de cinza. O

chão, o teto: tudo a mesma chapa de pedra. O estrado patético das camas: feito com peças velhas de encanamento. A pequena janela quadrada: espessa demais para quebrar. Minha esperança está exausta. Meus olhos doem, não focam. Meu dedo traça um preguiçoso caminho pelo chão frio.

Estou sentada no chão que cheira a gelo e metal e poeira. Companheiro de Cela está sentado à minha frente, as pernas dobradas debaixo do corpo, os coturnos só um pouquinho lustrosos demais para esse lugar.

– Está com medo de mim. – Sua voz não tem emoção.

Meus dedos conseguem formar um punho fechado.

– Acho que você está enganado.

Posso estar mentindo, mas isso não é da conta dele.

Ele bufa e o som ecoa no ar sem vida entre nós. Não ergo a cabeça. Não olho nos olhos que ele aponta em minha direção. Sinto o gosto rançoso do oxigênio e suspiro. Minha garganta se aperta com alguma coisa que me é familiar, alguma coisa que aprendi a engolir.

2 batidas à porta me deixam alarmada, colocando minhas emoções em seus devidos lugares novamente.

Em um instante, ele está em pé.

– Não é ninguém – esclareço. – Só o nosso café da manhã.

264 cafés da manhã e ainda não sei o que tem neles. O cheiro é de excesso de química; uma massa amorfa sempre entregue em extremos. Às vezes, doce demais; outras vezes, salgada demais; sempre asquerosa. Na maioria das vezes estou faminta demais para perceber a diferença.

Ouço-o hesitar por apenas um instante antes de se aproximar da porta. Ele abre uma pequena fresta e espreita um mundo que não existe mais.

– Merda! – Praticamente joga a bandeja pela abertura, parando apenas para espalmar as mãos na camisa. – Merda, merda!

Fecha os punhos e aperta o maxilar. Queimou a mão. Eu o teria avisado se ele estivesse disposto a ouvir.

– Você deve esperar pelo menos três minutos antes de tocar na bandeja – falo para a parede. Não olho as cicatrizes discretas adornando minhas mãos pequenas, as marcas de queimaduras que

ninguém poderia ter me ensinado a evitar. – Acho que fazem de propósito – acrescento baixinho.

– Ah, então hoje você resolveu conversar comigo?

Está furioso. Seus olhos brilham antes de ele virar o rosto e percebo que está mais constrangido do que qualquer outra coisa. É um cara durão. Durão demais para cometer erros ridículos na frente de uma mulher. Durão demais para demonstrar dor.

Aperto os lábios e olho para o pequeno quadrado de vidro que chamam de janela. Não restam muitos animais, mas ouvi histórias de pássaros que voam. Talvez um dia eu consiga ver um deles. As histórias andam tão descontroladamente entrelaçadas hoje em dia que não se pode acreditar em muita coisa, mas ouvi mais de uma pessoa afirmar ter realmente visto um pássaro voando nos últimos anos. Por isso olho pela janela.

Vai aparecer um pássaro hoje. Será branco, com riscas douradas no topo da cabeça, como uma coroa. Vai voar. Será branco, com riscas douradas no topo da cabeça, como uma coroa. Vai voar. Vai aparecer...

A mão dele.

Em mim.

2 pontas

de 2 dedos tocam levemente meu ombro coberto pelo tecido por menos de um segundo e cada músculo em cada tendão do meu corpo se pega carregado de adrenalina e formando nós que apertam a espinha. Permaneço paralisada. Não me mexo. Não respiro. Talvez, se eu não me mover, essa sensação dure para sempre.

~~Ninguém me toca há 264 dias~~

Às vezes acho que a solidão em meu interior vai explodir pela pele e às vezes não sei se chorar ou gritar ou rir durante a histeria vai resolver alguma coisa. Às vezes me pego tão desesperada por tocar por ser tocada por *sentir* algo que tenho quase certeza de que vou cair de um penhasco em um universo alternativo onde ninguém jamais será capaz de me encontrar.

Não parece impossível.

Estou gritando há anos e ninguém nunca me ouviu.

– Não está com fome? – Dessa vez sua voz sai mais grave, um pouco preocupada.

~~Estou faminta há 264 dias.~~

– Não.

A palavra escapa como pouco mais do que uma respiração falha e me viro e não devia mas me viro e ele está me encarando. Está me estudando. Seus lábios ligeiramente separados, braços soltos na lateral do corpo, cílios piscando em confusão.

Alguma coisa me dá um soco no estômago.

Os olhos dele. Alguma coisa nos olhos dele.

~~Não é ele não é ele não é ele não é ele não é ele.~~

Isolo-me do mundo lá fora. Tranco. Viro a chave com força.

Estou enterrada na escuridão.

– Ei...

Meus olhos se abrem violentamente. 2 janelas estilhaçadas enchendo de vidro a minha boca.

– O que foi? – Sua voz tenta se manter estável, uma tentativa ansiosa e falha de mostrar indiferença.

~~Nada.~~

Foco no quadrado transparente encravado entre mim e minha liberdade. Quero quebrar esse mundo de concreto e jogá-lo no esquecimento. Quero ser maior, melhor, mais forte.

~~Quero ser furiosa furiosa furiosa.~~

Quero ser o pássaro que voa para longe.

– O que você está escrevendo? – Companheiro de Cella volta a falar.

~~Essas palavras são vômito.~~

~~Essa caneta trêmula é meu esôfago.~~

~~Essa folha de papel é meu vaso de porcelana.~~

– Por que não me responde?

Ele está perto demais perto demais perto demais.

Ninguém nunca está perto o bastante.

Respiro fundo e espero que ele se afaste, como todas as outras pessoas na minha vida. Meus olhos focam a janela e a promessa do que poderia ser. A promessa de algo maior, melhor, algum motivo para a loucura erigindo-se em meus ossos, alguma explicação para minha incapacidade de fazer qualquer coisa sem estragar tudo. Vai

aparecer um pássaro. Será branco, com riscas douradas no topo da cabeça, como uma coroa. Vai voar. Vai aparecer um pássaro. Será...

– Ei...

– Você não pode tocar em mim – sussurro.

Estou mentindo, mas não digo isso a ele. Pode tocar em mim, é o que nunca direi a ele. Por favor, toque em mim, é o que quero dizer a ele.

Mas coisas acontecem quando as pessoas me tocam. Coisas estranhas. Coisas ruins.

Coisas mortais.

Não consigo me lembrar do calor de nenhum tipo de abraço. Meus braços doem com o frio inescapável do isolamento. Minha própria mãe não pôde me abraçar. Meu pai não pôde aquecer minhas mãos congeladas. Eu vivo em um mundo vazio.

Olá.

Mundo.

Você vai se esquecer de mim.

Toc-toc.

Companheiro de Cella fica em pé.

É hora do banho.

# Três

As portas se abrem para um abismo.

Não há cor, luz, promessa de nada além de horror do outro lado. Nem palavras. Nem instruções. Só uma porta aberta que significa a mesma coisa toda vez.

Companheiro de Cella tem perguntas.

– O que é isso? – Desliza o olhar de mim para a ilusão de escapar. – Vão soltar a gente?

~~Eles nunca vão soltar a gente.~~

– É hora do banho.

– Banho? – Sua voz perde a entonação, mas continua carregada de curiosidade.

– Não temos muito tempo – aviso. – Precisamos nos apressar.

– Espere, como é que é? – Ele tenta segurar meu braço, mas eu me afasto. – Mas não tem luz... A gente nem consegue ver aonde está indo.

– Rápido. – Olho para o chão. – Segure a bainha da minha blusa.

– Do que você está falando...?

Um alarme soa ao longe. Um zumbido ecoa quase imediatamente. Logo toda a cela está vibrando com o aviso e a porta está outra vez se fechando. Agarro sua camisa e arrasto-o ao meu lado pela escuridão.

– Não. Diga. Nada.

– Mas...

– *Nada* – sibilo.

Puxo sua camisa e ordeno que me siga enquanto tateio o caminho pelo labirinto do hospital psiquiátrico. ~~É uma casa, um centro para jovens problemáticos, para jovens negligenciados por famílias instáveis, uma casa segura para os psicologicamente perturbados.~~ É uma prisão. Não nos alimentam e nossos olhares

nunca se encontram, exceto nos raros golpes de luz que conseguem atravessar as fendas de vidro que fingem ser janelas. As noites são pontuadas por gritos e pesados soluços, lamentos e clamores atormentados, o barulho de carne e de ossos quebrando por força ou escolha, nunca vou saber. Passei os primeiros 3 meses na companhia do meu próprio fedor. Ninguém jamais me contou onde ficavam os banheiros e chuveiros. Ninguém jamais me contou como o sistema funcionava. Ninguém fala com você, a não ser para trazer más notícias. Ninguém nunca o toca, de forma alguma. Garotos e garotas nunca se veem.

Nunca, exceto ontem.

Não pode ser coincidência.

Meus olhos começam a se reajustar ao manto da noite artificial. Meus dedos tateiam os corredores ásperos, e Companheiro de Cela não diz uma palavra sequer. Quase sinto orgulho dele. É uns 30 centímetros mais alto do que eu, o corpo rígido e sólido, musculoso, com a vivacidade de alguém da minha idade. Ele ainda não foi danificado pelo mundo. Tanta liberdade na ignorância...

– O que...?

Puxo sua camisa com um pouco mais de força para evitar que fale. Ainda não atravessamos os corredores. Sinto uma vontade estranha de protegê-lo, essa pessoa que provavelmente poderia me quebrar com 2 dedos. Não se dá conta de como sua ignorância o torna vulnerável. Não se dá conta de que podem matá-lo sem nenhum motivo.

Decidi não ter medo dele. Decidi que suas ações são mais imaturas do que genuinamente ameaçadoras. ~~Ele me parece tão familiar tão familiar tão familiar.~~ No passado, eu conhecia um garoto com os mesmos olhos azuis e minhas memórias não me deixam odiá-lo.

Talvez eu goste de ter um amigo.

Mais 2 metros até a parede deixar de ser áspera e se tornar lisa e aí viramos à direita. 70 centímetros de espaço vazio antes de chegarmos a uma porta de madeira com a maçaneta quebrada e um

punhado de lascas. 3 batimentos cardíacos para ter certeza de que estamos sozinhos. 1 passo adiante para empurrar a porta. 1 leve rangido e a abertura se expande para revelar nada além do que imaginei ser esse espaço.

– Por aqui – sussurro.

Puxo-o em direção a uma fileira de chuveiros e inspeciono o chão em busca de algum pedaço de sabão preso ao ralo. Encontro 2 pedaços, um com o dobro do tamanho do outro.

– Abra a mão – digo para a escuridão. – É escorregadio, mas não deixe cair. É difícil achar sabão aqui e hoje tivemos sorte.

Ele não fala nada por alguns segundos e começo a me preocupar.

– Ainda está aqui?

Agora me pergunto se essa era a armadilha. Se esse era o plano. Se talvez ele tenha sido enviado para me matar sob o manto da escuridão desse espaço minúsculo. Eu nunca soube ao certo o que fariam comigo no hospício, nunca soube ao certo se pensavam que me trancafiar seria o suficiente, mas sempre pensei que pudessem me matar. Sempre me pareceu uma opção viável.

Não posso dizer que não seria merecido.

Mas estou aqui por algo que nunca planejei fazer e ninguém parece se importar com o fato de ter sido um acidente.

~~Meus pais nunca tentaram me ajudar.~~

Não ouço a água correr em nenhum dos chuveiros e meu coração congela. Esse banheiro específico raramente tem muito movimento, mas em geral tem outras pessoas, pelo menos 1 ou 2. A essa altura, já me dei conta de que os habitantes do hospício ou são realmente loucos ou não conseguem encontrar o caminho dos chuveiros, ou simplesmente não ligam.

Engulo em seco.

– Qual é o seu nome? – Sua voz corta o ar e meu fluxo de consciência com um único movimento. Posso senti-lo respirando muito mais perto do que estava antes. Sinto meu coração acelerado e não sei por quê, mas não consigo controlar. – Por que não me diz seu nome?

– Está com a mão aberta? – pergunto, a boca seca, a voz rouca.

Ele inclina o corpo mais para perto e sinto tanto medo que quase não consigo respirar. Seus dedos roçam o tecido endurecido da

única roupa que terei, e consigo expirar. O que importa é que não está tocando minha pele. O que importa é que não está tocando minha pele. O que importa é que não está tocando minha pele. Esse parece ser o segredo.

O tecido fino da minha camiseta já foi lavado na água suja dessa construção tantas vezes que mais parece um saco de serapilheira contra a pele. Coloco o pedaço maior de sabão na mão dele e, na ponta dos pés, me afasto.

– Vou ligar o chuveiro para você – explico, ansiosa por não erguer a voz, para que ninguém me escute.

– O que faço com minhas roupas?

Seu corpo ainda está próximo demais do meu.

Pisco 1000 vezes na escuridão.

– Você precisa tirá-las.

Ele dá uma risada que parece uma expiração bem-humorada.

– Não, isso eu sei. Quero saber o que faço com elas enquanto tomo banho.

– Tente não molhar.

Ele respira fundo.

– Quanto tempo temos?

– Dois minutos.

– O quê? Por que você não falou...

Ligo a água para ele e para mim ao mesmo tempo e suas queixas se afogam nos golpes de água lançada pelo chuveiro que mal funciona.

Meus movimentos são mecânicos. Fiz isso tantas vezes que já memorizei os métodos mais eficientes de me esfregar, me enxaguar e racionar o sabão para o corpo e os cabelos. Não temos toalhas, então o truque é tentar não ensopar nenhuma parte do corpo, não em excesso. Caso se encharque, você não conseguirá se secar direito e passará a próxima semana quase morrendo de pneumonia. Eu sei bem.

Em exatos 90 segundos, já torci os cabelos e estou outra vez vestindo minhas roupas surradas. Meus tênis são o único bem que possuo ainda em boas condições. Não andamos muito por aqui.

Companheiro de Cela segue meus passos quase imediatamente. Fico satisfeita ao notar que aprende rápido.

– Segure a bainha da minha camiseta – instruo. – Temos que nos apressar.

Seus dedos deslizam em minha lombar por um instante demorado e tenho que mordiscar o lábio para sufocar a intensidade. Quase fico paralisada. Ninguém nunca chegou nem perto do meu corpo.

Tenho que andar rapidamente para que seus dedos se afastem. Ele cambaleia para acompanhar meu ritmo.

Quando finalmente estamos presos dentro das 4 paredes claustrofóbicas tão familiares, Companheiro de Cella não para de me encarar.

Encolho-me em um dos cantos. Ele ainda está com minha cama, meu cobertor, meu travesseiro. Perdoo sua ignorância, talvez seja cedo demais para sermos amigos. Talvez ajudá-lo tenha sido um gesto precipitado. Talvez ele realmente esteja aqui para me deixar infeliz. Porém, se eu não me aquecer, vou ficar doente. Meus cabelos estão molhados demais e o cobertor no qual costumo envolvê-los ainda está do lado dele do quarto. Talvez eu ainda sinta medo dele.

Inspiro ríspidamente, ergo o olhar rápido demais na direção da luz torpe do dia. Companheiro de Cella colocou 2 cobertores sobre meus ombros.

1 meu.

1 dele.

– Sinto muito por ter sido um escroto – sussurra para a parede.

Ele não me toca, o que me deixa ~~desapontada~~ feliz. ~~Queria que me tocasse.~~ Não deve me tocar. Ninguém jamais deve me tocar.

– Meu nome é Adam – diz lentamente.

Ele se afasta de mim até estar do outro lado do quarto. Usa uma das mãos para empurrar minha cama de volta para o meu lado.

Adam.

Belo nome. Companheiro de Cella tem um belo nome.

Um nome do qual sempre gostei, mas não consigo lembrar por quê.

Não perco tempo, subo logo nas molas protuberantes do colchão e estou tão exausta que quase não consigo sentir o metal ameaçando perfurar minha pele. Não durmo há mais de 24 horas.

*Adam é um belo nome é a única coisa que consigo pensar antes de a exaustão derrotar meu corpo.*



~~Eu não sou louca. Eu não sou louca. Eu não sou louca. Eu não sou louca.~~

~~Eu não sou louca. Eu não sou louca. Eu não sou louca. Eu não sou louca.~~

~~Eu não sou louca. Eu não sou louca. Eu não sou louca. Eu não sou louca.~~

~~Eu não sou louca. Eu não sou louca. Eu não sou louca. Eu não sou louca.~~

~~Eu não sou louca. Eu não sou louca. Eu não sou louca. Eu não sou louca.~~

O terror abre violentamente minhas pálpebras.

Meu corpo está ensopado de suor frio, meu cérebro nadando em uma onda inesquecível de dor. Meus olhos giram em círculos negros que se dissolvem na escuridão. Não tenho ideia de quanto tempo dormi. Não tenho ideia se assustei meu companheiro de cela com meus sonhos. Às vezes, grito muito alto.

Adam está me encarando.

Respiro com dificuldade, mas consigo me levantar. Puxo as cobertas para mais perto do corpo apenas para me dar conta de que roubei a única fonte de calor dele. Nem sequer me ocorreu que ele talvez sinta tanto frio quanto eu. Estou parada, tremendo, mas o corpo dele é inabalável na noite, sua silhueta tem uma estrutura suntuosa contra o fundo escuro. Não sei o que dizer. Não há nada a dizer.

– Os gritos nunca param neste lugar, não é?

~~Os gritos estão só começando.~~

– Não – balbucio quase sem voz. Um leve rubor se espalha pelo meu rosto e fico feliz por estar escuro demais para ele perceber. Deve ter ouvido meus gritos.

Às vezes, eu queria nunca precisar dormir. Às vezes, penso que se me mantiver muito, muito quieta, se não me movimentar nem um pouquinho, as coisas vão mudar. Acho que, se eu me congelar, serei capaz de congelar a dor. Às vezes, passo horas sem me mexer. Não me mexo nem um centímetro.

Ainda que o tempo pare, nada de errado pode acontecer.

– Você está bem? – A voz de Adam parece preocupada. Estudo os punhos fechados nas laterais de seu corpo, o franzir pesado da

testa, a tensão no maxilar. Essa pessoa que roubou minha cama e meu travesseiro ontem é a mesma que dormiu no chão na noite passada. Tão cheio de si e indiferente poucas horas atrás; tão cuidadoso e tranquilo agora. Assusta saber que esse lugar pode tê-lo corrompido tão rapidamente. E me pergunto o que ele ouviu enquanto eu dormia.

Queria poder salvá-lo do horror.

Alguma coisa se estilhaça; um grito atormentado ecoa ao longe. Essas celas são enterradas em concreto grosso, paredes mais espessas do que o chão e o teto evitam que os barulhos escapem para muito longe. Se eu consigo ouvir a agonia, ela deve ser incomensurável. Todas as noites há barulhos que não ouço mais. Todas as noites me pergunto se serei a próxima.

– Você não é louca. – Meu olhar se ergue violentamente. Sua cabeça está inclinada, seus olhos permanecem atentos e claros, mesmo com o manto que nos envolve. Ele respira fundo. E continua: – Pensei que todos aqui fossem loucos. Pensei que tivessem me trancado com uma lunática.

Inspiro uma forte lufada de oxigênio.

– Curioso. Eu também.

1

2

3 segundos se passam.

Adam abre um sorriso tão enorme, tão bem-humorado, tão inesperadamente sincero que é como se o estrondo de um trovão atravessasse meu corpo. Alguma coisa ferroa meus olhos e quebra meus joelhos. Não vejo um sorriso há 265 dias.

Adam está de pé.

Ofereço-lhe seu cobertor.

Ele aceita somente para envolver melhor meu corpo e alguma coisa de repente se aperta em meu peito. Meus pulmões estão fora de lugar e grudados e acabei de decidir não me movimentar por uma eternidade quando ele diz:

– Qual é o problema?

~~Meus pais pararam de tocar em mim quando comecei a engatinhar. Os professores me forçavam a fazer todas as atividades sozinha para que eu não ferisse as outras crianças. Nunca tive um~~

~~amigo. Nunca conheci o conforto de um abraço materno. Nunca senti o carinho de um beijo paterno. Eu não sou louca.~~

– Nada.

5 segundos mais.

– Posso me sentar ao seu lado?

~~Seria maravilhoso.~~

– Não.

Estou outra vez olhando para a parede.

Ele cerra e em seguida relaxa o maxilar. Desliza a mão pelos cabelos e percebo, pela primeira vez, que está sem camisa. Essa cela é tão escura que só consigo ver as curvas e contornos de sua silhueta; a luz da lua só consegue entrar por uma pequena janela, mas observo enquanto os músculos de seus braços se tensionam a cada movimento e, de repente, estou pegando fogo. Chamas tocam minha pele e há uma explosão de calor se arrastando pelo meu estômago. Cada centímetro de seu corpo é cheio de força, toda a superfície de alguma maneira consegue ser iluminada por essa pouca luz. Em 17 anos, nunca vi ninguém como ele. Em 17 anos, nunca conversei com um menino da minha idade. ~~Porque eu sou um monstro.~~

Fecho os olhos até eles parecerem costurados.

Ouçõ o ranger de sua cama, o gemido das molas quando ele se senta. Descosturo meus olhos e estudo o chão.

– Você deve estar morrendo de frio.

– Não. – Um forte suspiro. – Na verdade, estou com muito calor.

Levanto-me tão bruscamente que as cobertas caem no chão.

– Está doente? – Meus olhos deslizam por seu rosto em busca de algum sinal de febre, mas não me atrevo a me aproximar nem um centímetro a mais. – Está com tontura? Dor nas articulações?

Tento me lembrar dos meus sintomas. Meu próprio corpo me prendeu à cama por 1 semana. Não podia fazer nada além de rastejar pelo chão e cair de cara na comida. Não sei como sobrevivi.

– Qual é o seu nome?

Ele já fez essa pergunta 3 vezes.

– Você deve estar doente. – É tudo o que consigo dizer.

– Não estou doente. Só estou com calor. Não costumo dormir de roupas.

Sinto um nó no estômago. Uma humilhação inexplicável queima a superfície da minha pele. Não sei para onde olhar.

Uma respiração profunda.

– Eu fui um idiota ontem. Tratei-a como lixo e sinto muito por isso. Não devia ter agido daquele jeito.

Atrevo-me a olhá-lo nos olhos.

Seus olhos são do tom perfeito de cobalto, azuis como um hematoma nascendo, claros e profundos e decididos. O maxilar parece rígido, cercado por traços entalhados em uma expressão cuidadosa. Passou a noite toda pensando nisso.

– Tudo bem.

– Então, por que não me diz o seu nome? – Ele inclina o corpo para a frente e eu congelo.

E descongelo.

E derreto.

– Juliette – sussurro. – Meu nome é Juliette.

Seus lábios se suavizam em um sorriso que baqueia até a minha espinha. Ele repete meu nome como se visse graça na palavra. Como se a palavra o entretivesse. Como se fosse um deleite.

~~Em 17 anos, ninguém nunca falou meu nome assim.~~

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Estilhaça-me"  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).